INSPER
INSTITUTO DE ENSINO E PEQUISA
CIÊNCIAS ECONÔMICAS

VINÍCIUS VELLARDI JANOTI

TRAJETÓRIA ECONÔMICA DO JAPÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉC XX: APRENDIZADOS PARA O DESENVOLVIMENTO

SÃO PAULO
2022

VINÍCIUS VELLARDI JANOTI

TRAJETÓRIA ECONÔMICA DO JAPÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉC XX: APRENDIZADOS PARA O DESENVOLVIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Graduação em Ciências Econômicas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel do Insper Intituto de Ensino e Pesquisa.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius de Bragança Müller e Oliveira

SÃO PAULO

2022

Janoti, Vinícius Vellardi

TRAJETÓRIA ECONÔMICA DO JAPÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉC XX: APRENDIZADOS PARA O DESENVOLVIMENTO – São Paulo, 2022.

28 páginas

Área de concentração: História Econômica.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius de Bragança Müller e Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Insper, 2022

1.História Econômica; 2. Japão; 3. Desenvolvimento econômico

VINÍCIUS VELLARDI JANOTI

TRAJETÓRIA ECONÔMICA DO JAPÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉC XX: APRENDIZADOS PARA O DESENVOLVIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Graduação em Ciências Econômicas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

DATA DE APROVAÇÃO: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Vinícius de Bragança Muller e Oliveira
Insper Instituto de Ensino e Pesquisa

_____

Prof. Dr. Fernando Ribeiro Leite Neto
Insper Instituto de Ensino e Pesquisa

“Gramas no verão.
Tudo o que resta
Dos sonhos dos guerreiros.”
Haiku de Matsuo Basho (1644-1694)

RESUMO

A intenção desse artigo é descrever e entender os principais fatores que possibilitaram a recuperação econômica do Japão após a Segunda Guerra Mundial e sua posterior ascensão como potência econômica mundial, a partir da síntese do conhecimento já agregado na literatura. Visando uma melhor aferição da efetividade das políticas tomadas pelo Japão, o artigo também explora pontos de debate sobre o posicionamento do governo japonês e a desaceleração da economia japonesa a partir da década de 1980. Os três momentos da “terra do sol nascente” – recuperação, ascensão e estagnação – geram lições e aprendizados que podem auxiliar no desenho de estratégias ou políticas para países em desenvolvimento, como o Brasil.

Palavras-chave: História Econômica. Japão. Desenvolvimento econômico.

ABSTRACT

The intention of this article is to describe and understand the main factors that enabled Japan's economic recovery after the Second World War and its subsequent rise as a world economic power, based on the synthesis of knowledge already aggregated in the literature. Aiming at a better assessment of the effectiveness of the policies adopted by Japan, the article also explores points of debate about the position of the Japanese government and the slowdown of the Japanese economy from the 1980s onwards. The three moments of the “land of the rising sun” – recovery, rise and stagnation – generate lessons and learning that can help in the design of strategies or policies for developing countries, such as Brazil.

Key words: Economic History. Japan. Economic development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 5
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO 5
2 RECONSTRUÇÃO E REFORMAS 7
2.1 A RECONSTRUÇÃO 7
2.2 REFORMAS 8
2.3 ESTABILIZAÇÃO MONETÁRIA E O PLANO DODGE 10
3 O MILAGRE ECONÔMICO 14
3.1 CONTEXTO 14
3.2 PRIMEIRA FASE (1945-1973) 14
3.3 SEGUNDA FASE (1973-1990) 16
3.4 FIM DO CRESCIMENTO 17
4 FATORES PARA O CRESCIMENTO 19
4.1 CONTEXTO 19
4.2 CATCH-UP COM PAÍSES DESENVOLVIDOS 19
4.3 MUDANÇAS NO CAPITAL HUMANO 20
4.4 DESENVOLVIMENTO DO SETOR INDUSTRIAL 22
4.5 RELAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS 24
5 CONCLUSÃO 26
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 27

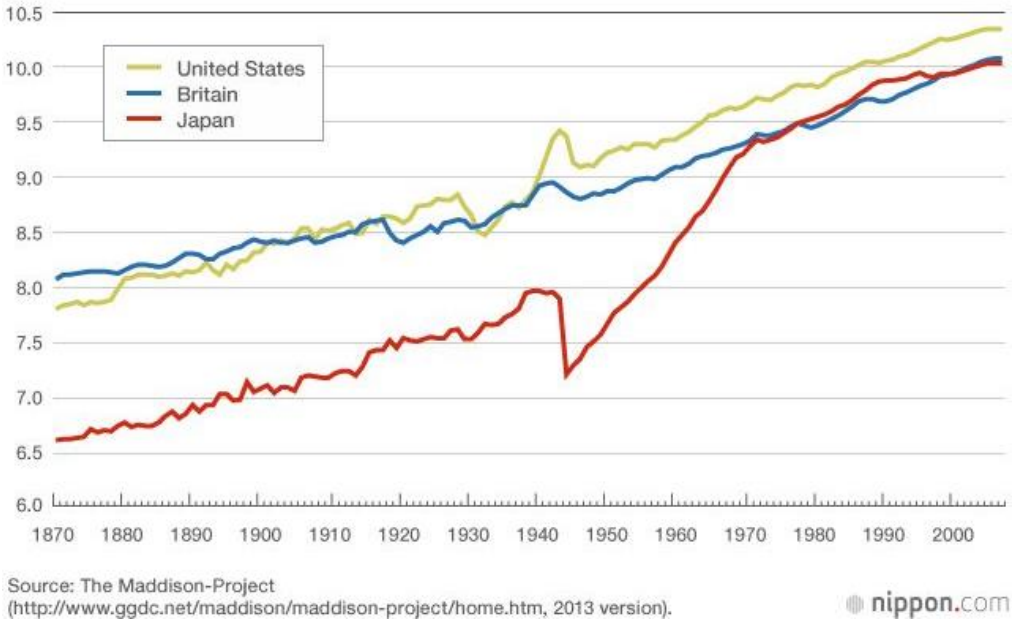
1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

De acordo com estimativas do Fundo Monetário Internacional, o Japão é atualmente a terceira maior economia do mundo, com um produto interno bruto (PIB) anual de cerca de 4,3 trilhões de dólares – ficando atrás apenas das economias da China e dos EUA. Sua população de 126 milhões de habitantes está distribuída em um arquipélago no Oceano Pacífico, e está concentrada majoritariamente em centros urbanos. Um deles em especial, a região metropolitana de Tóquio, é a casa de mais de 37 milhões de pessoas.

O Japão é um país interessante para o estudo da história econômica por ser um caso peculiar de ascensão econômica acelerada. O desenvolvimento industrial japonês inicia-se antes das duas Guerras Mundias, aderindo – ainda que tardiamente – à Revolução Industrial após as reformas da Revolução Meiji. No entanto, seu papel como potência regional e polo industrial mundial foi muito maior no período pós-guerra, quando outras nações asiáticas, como a Coréia do Sul e Singapura, também se alçaram a altos patamares de renda e produtividade em pouco tempo. O fenômeno japonês pode ser visto na Figura 1, em comparação com EUA e Reino Unido.

Figura 1 – Crescimento de PIB per capita real (Estados Unidos, Reino Unido e Japão)



Fonte: The Maddison Project

O processo de recuperação econômica se torna ainda mais interessante ao levarmos em conta a devastação que o país sofreu por conta da 2ª Guerra Mundial. Segundo Tsuru (1961), estima-se que 25% dos ativos físicos foram perdidos, atividades industriais reduzidas em 80% e produção agrária em 40%. Com as forças de Ocupação dos aliados, uma série de reformas foi instaurada e o Império do Japão se tornou uma democracia liberal parlamentarista. Desse cenário em diante, o Japão apresentou rápida recuperação e crescimento, dobrando seu Produto Nacional Bruto em 8 anos após a guerra.

No entanto, a economia japonesa apresentou sinais de exaustão e desaceleração na década de 80 e 90, com retornos marginais decrescentes nos investimentos feitos no país e um “teto” de produtividade foi atingido. O reajuste de expectativas desbancou o país como a potência mundial líder, mas mesmo em 2022 o Japão ainda se encontra como uma das maiores economias do mundo.

Nos próximos capítulos, esse artigo busca identificar quais fatores contribuíram para a ascensão e a estagnação da economia japonesa, e quais lições podem ser destacadas para países em desenvolvimento que buscam patamares maiores de produtividade e renda per capita, levando em conta políticas públicas e iniciativas privadas no Japão ao longo das últimas 7 décadas.

2 RECONSTRUÇÃO E REFORMAS (1945-1954)

2.1 A RECONSTRUÇÃO

O Japão se rendeu em 15 de agosto de 1945 e o país foi imediatamente ocupado pelos Aliados, liderados pelos Estados Unidos da América. A Ocupação instituiu o Comando Supremo das Forças Aliadas (SCAP, na sigla em inglês) que representava treze países, sendo, no entanto, essencialmente controlada pelos Estados Unidos. O general americano Douglas MacArthur foi apontado como comandante dessa autoridade supranacional.

Como descrito por Tsuru (1961), o cenário econômico japonês nessas circunstâncias apresentava extremas anormalidades: grande destruição de ativos físicos, menor produção agrária e industrial, inflação em magnitudes substanciais e intervenções recorrentes por parte das autoridades da Ocupação.

Hamada (1992) ressalta, em sua revisão sobre o período, que os primeiros objetivos da Ocupação eram de desmilitarizar e democratizar o Japão. O desenvolvimento econômico foi promovido com maior prioridade apenas alguns anos depois - a partir de 1948 - quando pressões geopolíticas da Guerra Fria tornaram o desenvolvimento japonês uma questão mais urgente aos americanos. O Japão desenvolvido e aliado aos interesses americanos atenderia ao papel político e cultural de baluarte do capitalismo na Ásia, além de sua posição geográfica relevante para um escudo militar dos EUA no Pacífico.

Passando por essas fases de relacionamento com os EUA, a economia japonesa se recuperou e estabilizou, principalmente devido aos seguintes fatores, discutidos por Tsuru (1961), Hamada (1992) e Takada (1999):

(i) reformas implementadas pela Ocupação, como a quebra de *zaibatsus* (conglomerados industriais e/ou financeiros), reforma agrária e democratização do trabalho;

(ii) fixação da taxa de câmbio e austeridade fiscal, coordenada pelo Plano Dodge, que ajudou a combater a inflação;

(iii) a guerra da Coréia, que favoreceu as exportações japonesas e marca o começo do milagre econômico.

O primeiro conjunto de reformas implementado pela SCAP possuía quatro principais frentes:

a) reforma agrária;
b) a dissolução dos zaibatsus;
c) reforma trabalhista;
d) reforma educacional.

As reformas foram implementadas após uma mudança política que converteu o Império japonês em uma democracia parlamentarista. No entanto, sob a liderança de MacArthur, a Ocupação optou por proteger o imperador de julgamento de crimes de guerra e manter o sistema e a família imperial, mesmo que simbolicamente. Segundo Takemae (1983), citado por Hamada, a delegação da implementação das reformas ao governo japonês e a preservação do sistema imperial já conhecido pela população foi uma decisão acertada, levando-se em conta o cenário contrafactual, a intervenção direta em Okinawa que resultou em uma série de conflitos entre residentes e forças da Ocupação.

Além disso, MacArthur garantiu que toda a produção de materiais bélicos fosse encerrada. Aprovada a Constituição de 1947, o Japão renuncia ao direito de usar forças militares para sempre e passa a depender dos EUA para proteção contra forças externas. As reverberações desse evento serão exploradas em maior detalhe no capítulo 4.5.

2.2 REFORMAS

Além de Hamada (1992), Kosai (1989) e Takada (1999) também pontuam as reformas da ocupação como fundamentais para a recuperação japonesa e o crescimento nas décadas posteriores. Os próximos parágrafos trazem uma visão sobre as características de cada uma dessas reformas, agregando a literatura dos três autores.

(a) Reforma agrária;

Antes da Reforma, a distribuição de terras era considerada feudalística: cerca de dois-terços dos fazendeiros pagavam aluguel pela terra que cultivavam, total ou parcialmente. Durante a reforma, o governo comprou terras cujos donos não produziam e redistribuiu entre a massa de fazendeiros inquilinos. No começo da

reforma, 54% da terra cultivável era operada pelo proprietário, quatro anos depois esse número chegou a 90% (Takada, 1999).

A reforma cumpriu, em um curto prazo, seu objetivo de democratizar o acesso à terra e a produtividade agrária aumentou (Hamada, 1992). Contudo, no longo prazo, a distribuição pulverizada se demonstrou um impedimento para patamares mais altos de produtividade em escala, como ressalta Kosai (1989).

(b) Dissolução dos zaibatsus;

Os zaibatsus foram conglomerados industriais e financeiros, geralmente controlados por uma família, que possuíam fortes laços políticos com o Império. Alguns oficiais americanos sentiam que os zaibatsus foram complacentes e até patrocinadores da ganância imperial por mais terras e recursos naturais no leste asiático.

Em 1947, foram estabelecidas leis antimonopólio e de regulação de mercados concentrados, criou-se uma comissão de *fair trade* e uma série de *zaibatsus* foram partidos ou dissolvidos, dentre eles os conglomerados da Mitsubishi e Mitsui. Essa reforma injetou competição e renovação gerencial na indústria japonesa.

Após o tratado de paz e o fim da Ocupação em 1952, no entanto, uma série de revisões a essas reformas permitiu um certo “renascimento dos zaibatsus”. Os conglomerados antes dissolvidos se reorganizaram em *keiretsus* (“grupos empresariais”), dessa vez, no entanto sem um escritório familiar central e com conexões mais fortes com bancos. Kosai (1989) destaca que os *keiretsus* eram menos hierárquicos, mais democráticos e mais funcionais que os antigos *zaibatsus* – portanto a dissolução dos zaibatsus teve sim um efeito positivo líquido no desenvolvimento do Japão.

(c) Reforma trabalhista;

A reforma se deu por conta da criação de 3 novas leis trabalhistas, promovidas pela SCAP e baseadas em legislações americanas. As leis legalizaram a formação de sindicatos, regulamentaram disputas trabalhador-empregado e impuseram condições mínimas de trabalho - entre outras coisas, proibindo o trabalho forçado e limitando o trabalho infantil.

A reforma, somada a dissolução dos zaibatsus que detinham poder sobre seus empregados, foi um grande estímulo para atividade sindical. Segundo Takada (1999), estima-se que trabalhadores filiados a sindicatos cresceram de 0% em 1945

para quase 60% em 1948-1949. Os efeitos surtiram em forma de aumentos salariais e melhores condições de trabalho.

A posição da SCAP, no entanto, se tornou menos leniente aos sindicatos conforme a Guerra Fria acirrava, chegando a proibir uma greve geral programada para fevereiro de 1947. A partir desse momento, os sindicatos adotaram um perfil de sindicatos por empresa ou por planta, e não mais por cortes setoriais inter-empresas. Esse tipo de sindicalismo é característico ao Japão até os dias atuais.

(d) Reforma educacional e efeitos indiretos;

A SCAP também foi responsável por uma reforma educacional que unificou trilhas em um único currículo central, substituindo um sistema que discriminava estudantes entre elite, técnicos e não-elite ainda muito novos. Apesar dessa reforma, ressalta Hamada (1992), após o fim da Ocupação houve reações por parte do sindicato dos professores e uma parcial recuperação do currículo tradicional.

Além disso, a presença americana foi o primeiro contato prolongado do Japão com uma nação estrangeira, podendo observar em primeira mão o padrão de vida americano e ter contato com suas organizações eficientes. O aprendizado com o progresso de países desenvolvidos, seja ele organizacional ou tecnológico, será um motor para o crescimento sustentado japonês que abordaremos em maior detalhe nos próximos capítulos.

2.3 ESTABILIZAÇÃO MONETÁRIA E O PLANO DODGE

Enquanto as reformas citadas acima eram formuladas e colocas em prática, o Japão batalhava com uma forte inflação nos primeiros cinco anos pós-guerra. Após a rendição, um acúmulo de auxílios, indenizações e pensões relacionadas ao fim da guerra e o retorno das tropas injetou dinheiro na frágil economia japonesa – o que se somava com os problemas na cadeia de suprimentos, também comprometida pela guerra.

Em resposta a alta inflacionária, o governo japonês tomou uma série de medidas heterodoxas antes da intervenção da SCAP com o plano Dodge. Como explorado por Savage (2002), o ministro das Finanças Tarzan Ishibashi, discípulo da escola Keynesiana, adotou políticas fiscais expansionistas para tentar combater a inflação. Fazendo uso do recém-criado *Reconstruction Finance Bank* (RFB) e do

orçamento, Ishibashi dobrou o gasto governamental entre 1946 e 1947. Da fundação do banco em janeiro de 1947 ao início de 1949, cerca de três quartos de toda atividade de investimento no Japão provinham de empréstimos do RFB. Como agravante, os empréstimos eram financiados por emissões do banco central, constituindo uma expansão monetária por meio da monetização da dívida pública.

Com a mudança de intenções americanas para o desenvolvimento japonês por conta da Guerra Fria e agitações de movimentos de esquerda e trabalhistas com o poder de compra corroído da massa trabalhadora, a inflação tornara-se uma das principais preocupações da Ocupação.

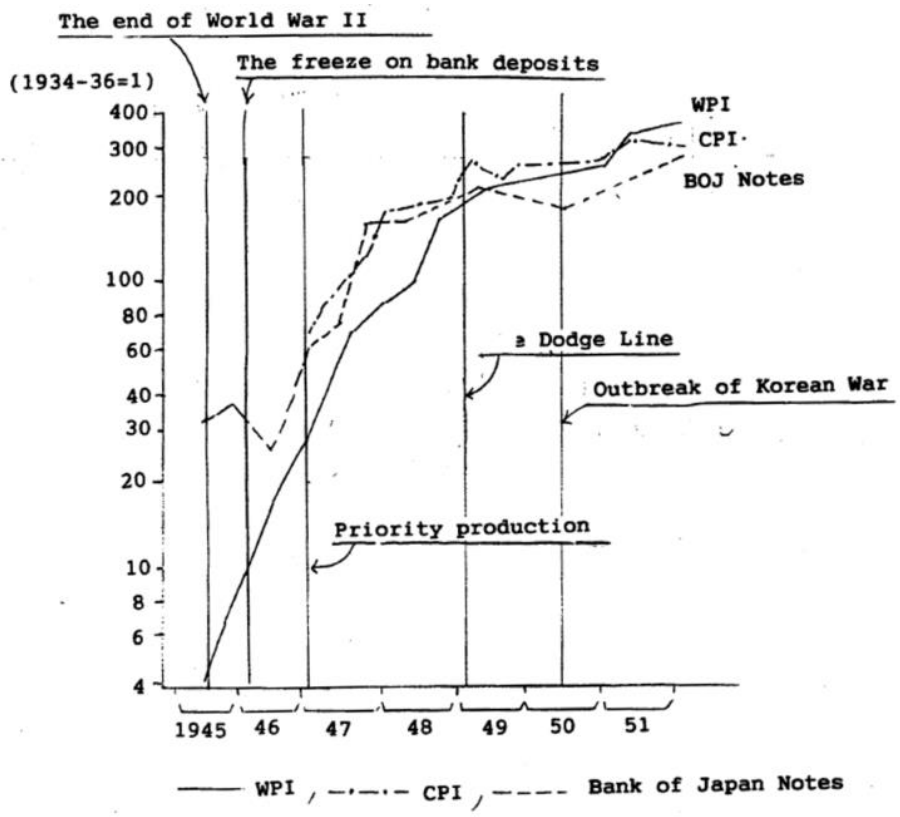
Em 1947, Ishibashi foi dispensado por pressão da SCAP e um pacote de reformas financeiras mais ortodoxas entrou em vigor, sem resposta visível na inflação. O Ministério das Finanças passaria por mais seis ministros em 2 anos, até os Estados Unidos tomarem uma decisão mais drástica.

Em fevereiro de 1949, apontado pelo presidente Harry Truman, o banqueiro americano Joseph Dodge, de alinhamento econômico clássico liberal, chega ao Japão para a definição de um plano para domar a inflação e acelerar a retomada econômica. Há pouco tempo, Dodge também havia ajudado na estabilização financeira da Alemanha Ocidental. Após um mês de análise dos balanços – segundo relatos de membros do SCAP, um exame rigoroso linha por linha – o americano definiu o plano conhecido como “Dodge Line”.

A Dodge Line consistia em uma estabilização seguindo nove pontos, sendo os principais: o balanceamento das contas públicas; coleta de impostos mais eficiente; suspensão de novos empréstimos pelo *Reconstruction Finance Bank*; diminuição do escopo de atuação do estado na economia; e fixação do câmbio em relação ao dólar (360 ienes por dólar, razão que perdurou até 1971).

Considerando o objetivo de combater a inflação, o plano de Dodge foi um rápido sucesso. Hamada (1992) comenta que as emissões do Banco do Japão diminuíram, preços do mercado negro caíram, abolição de controles de preço progrediu e a produtividade cresceu. Isso pode ser verificado na figura abaixo.

Figura 2 – Preços e Base Monetária no pós-guerra



Fonte: Hamada, 1992

No entanto, a política austera da Dodge Line rompeu efeitos severos na economia, como uma queda abrupta da produção manufatureira e de mineiração (Hamada, 1992) e um início de desaceleração da atividade no geral. Esses efeitos eram previstos por Dodge, que, ao se encontrar com o ministro das Finanças interino Shinzo Oya pela primeira vez, supostamente proclamou a seguinte mensagem aos japoneses:

> Acho que o mais importante na reconstrução da economia japonesa é equilibrar o orçamento. Para equilibrar o orçamento, é preciso cortar gastos. É claro, as pessoas vão perder empregos e sofrer se o governo não gastar dinheiro suficiente. No entanto, o povo japonês que perdeu a guerra enquanto vivia na miséria não pode reconstruir sem algum sofrimento. O que é mais importante para o povo japonês agora é “taibo seikatsu”, levar uma vida difícil. (Miyazawa, 1991, pp. 12-13, tradução minha)

No entanto, a “vida difícil” foi um período breve, encurtado por um fator externo: a invasão da Coreia do Sul pela Coreia do Norte em 1950, causando a eclosão da Guerra da Coreia. Nesse evento, as Nações Unidas e os Estados Unidos fizeram encomendas especiais de suprimentos para o Japão, dada a demanda das forças militares na campanha coreana. Essa parceria estratégica recuperou a atividade industrial e econômica japonesa e melhorou o balanço de pagamento (vide Tabela 1).

Tabela 1 – Indicadores macroeconômicos antes e depois da Guerra da Coreia

Fiscal Year	BOP transfer balance (% of GNP) (1)	Special Military Procurement (% of GNP) (2)	Central Government deficit (% of GNP) (3)
1946	3.12	0.00	13.9
47	5.29	0.00	7.3
48	4.99	0.21	6.1
49	5.48	0.52	3.3
50	3.91	0.57	-2.1
51	1.13	4.13	1.7
52	0.20	4.64	3.0
53	0.11	4.08	0.3
54	0.14	2.90	1.1
55	0.10	2.21	1.5

Source : Hundred-year Statistics of Japanese Economy, the Bank of Japan ,1966.
Japan’s Experience in the Immediate Postwar Period, Fukao et.al.,1991.

Fonte: Hamada, 1992; Bank of Japan; Fukao et. Al. 1991

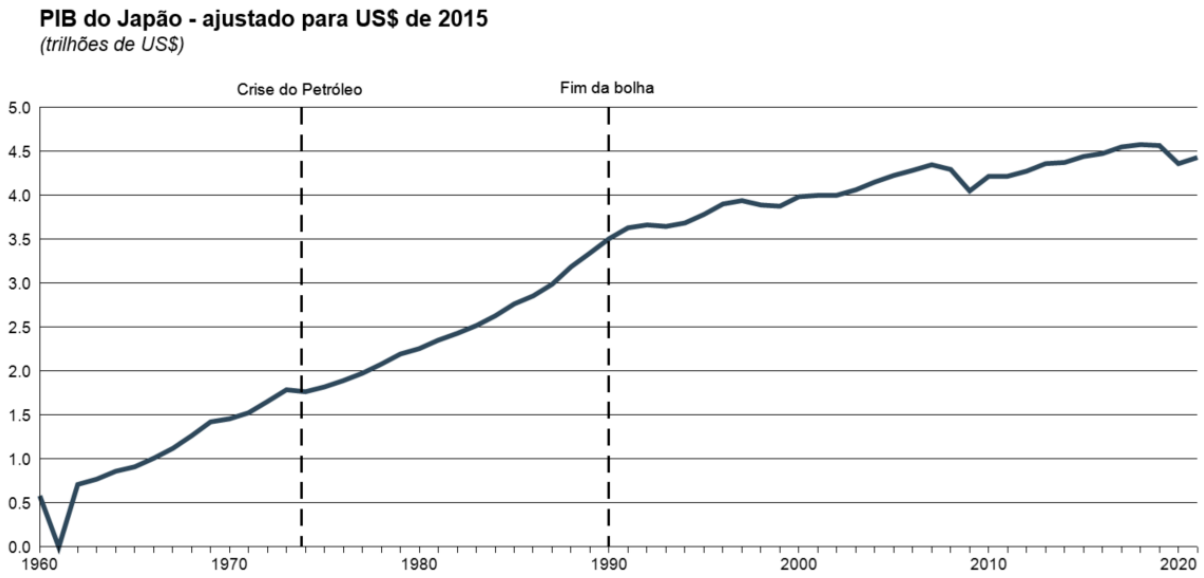
Tsuru (1961) argumenta, em seu artigo, que esse período (abarcando um escopo entre 1952-1954) delimita o fim das anormalidades do pós-guerra e a completude da reabilitação do país. Esse marco também é sacramentado pelo Tratado de Paz de São Francisco assinado pelo Japão, efetivo em abril de 1952. O próximo capítulo aborda, portanto, o período conhecido como o Milagre Econômico.

3 O MILAGRE ECONÔMICO (1954-1990)

3.1 CONTEXTO

Após a recuperação, o Japão passa por décadas de crescimento, que podem ser divididos em duas fases: primeira fase se estende até 1973 e a segunda de 1973 até 1990. A primeira fase ficou marcada pelo crescimento mais acelerado sob a doutrina Yoshida, até o choque do petróleo em 1973, quando o Japão enfrenta uma breve recessão. A partir desse ponto, na segunda fase, o governo japonês toma uma postura mais agressiva no intervencionismo e gera uma bolha econômica que perdura até 1990.

Figura 3 – PIB do Japão – ajusado para US$ de 2015



Fonte: World Bank national accounts data, and OECD National Accounts data files. Elaboração própria.

3.2 PRIMEIRA FASE (1954 - 1973)

Como descrito por Hamada (1992), os anos 50 tiveram um gerenciamento macroeconômico de políticas no estilo “stop and go”, intercalando aquecimento da economia doméstica e política monetárias restritivas - visando defender o câmbio de 360 ienes para 1 dólar estabelecido por Dodge. Durante esse período, a economia vivenciou sucedidos períodos de boom, e de recessões para o ajuste da balança de pagamentos. Esse comportamento pode ser visto na Tabela 2, em “Current Balance”.

Tabela 2 – Balanço de Pagamentos do Japão

Table 9. Japan's Balance of Payments

($ mil)

	Exports (1)	Imports (2)	Trade Balance (3)	Freight & insurance (4)	Government (Military Procurements) (5)	transfer (6)	Current Balance (7)
1946	65	303	-238	-36	0	195	-78
47	181	449	-267	-88	0	405	46
48	262	547	-284	-120	19	462	75
49	533	728	-194	-164	49	514	207
50	920	886	34	-90	63	429	476
51	1354	1645	-291	-226	624	171	329
52	1289	1701	-413	-162	788	34	225
53	1257	2050	-791	-183	803	21	-205
54	1611	2041	-429	-178	602	29	-51
55	2006	2061	-54	-157	511	21	227
56	2482	2613	-131	-316	505	25	-34
57	2855	3256	-401	-353	472	-30	-620
58	2871	2501	368	-15	411	-195	264
59	3414	3052	362	-35	373	-23	361
60	3979	3711	268	-90	406	-25	143

Source : Hundred-Year Statistics of Japanese Economy, the Bank of Japan ,1966.

Fonte: Hamada, 1992; Bank of Japan, 1966.

Outra figurante relevante para o desenvolvimento japonês foi Hayato Ikeda, primeiro-ministro entre 1960 e 1964, que ficou conhecido pelo seu “Income Doubling Plan”. Maiores intervenções foram implementadas durante esse período, no entanto ainda dentro das regras estabelecidas no Plano Dodge. Takada (1999) ressalta que o Ministério de Comércio Internacional e da Indústria (na sigla em inglês, MITI) passou a atuar mais frequentemente guiando e incentivando uma seleção de setores industriais. Esse aumento pode ser verificado na Tabela 3, na seção destacada.

Tabela 3 – Programa de investimentos e empréstimos governamentais (em 100 milhões)

	1955	1960	1965	1970	1975
Housing	415	789	2,259	6,896	19,966
Living environment facilities	230	569	2,010	4,168	15,573
Public welfare facilities	64	109	585	1,017	3,133
Educational facilities	136	214	493	790	2,752
Small and medium enterprises	244	784	2,045	5,523	14,505
Agriculture, forestries, and fisheries	266	439	1,169	1,785	3,795
Subtotal	1,355	2,904	8,561	20,179	59,724
Preservation of national land and restoration after disasters	231	401	506	560	1,100
Roads	110	272	1,284	3,078	7,444
Transportation and communications	366	915	2,250	4,723	11,849
Regional development	255	436	1,124	1,431	3,059
Subtotal	962	2,024	5,164	9,792	23,452
Key industries	471	838	1,262	2,028	2,764
Promotion of exports	210	485	1,219	3,800	7,160
Total	2,998	6,251	16,206	35,799	93,100

Source: Ōkurashō, *Zaisei tōkei* (Tokyo: Ōkurashō insatsukyoku, 1962–)

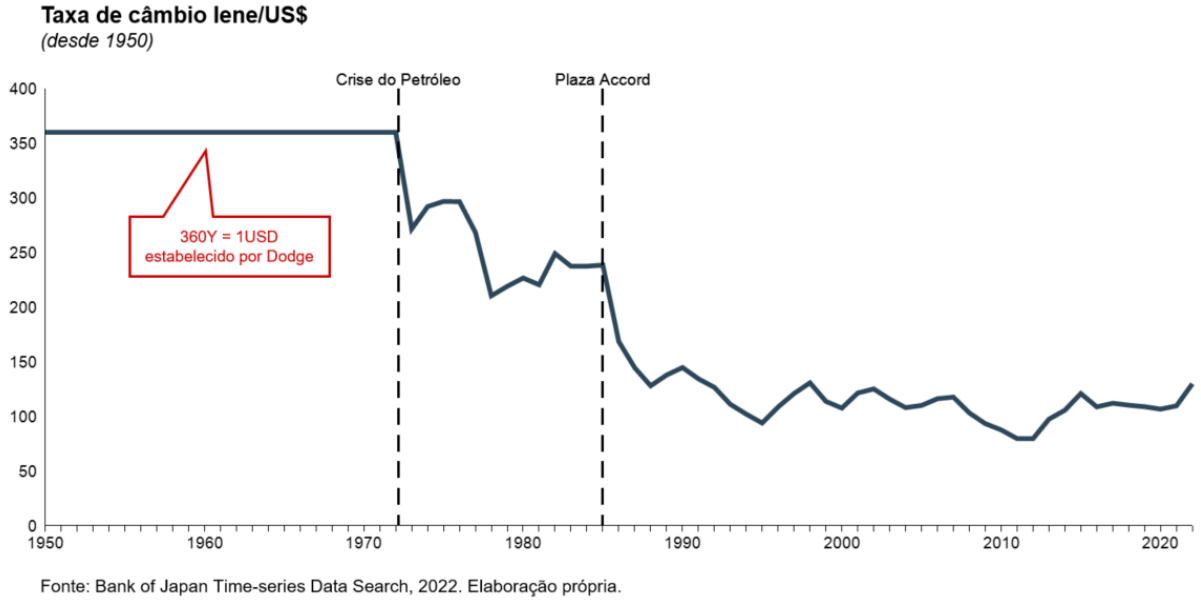
Fonte: Kosai, 1989; Okurasho, Zaisei tokei.

Nos anos finais da década de 60, o Japão cresceu em média 10,8% ao ano, assumindo o posto de segunda maior economia do mundo em 1968. Essa década também marcou a entrada do Japão no FMI em 1963 e na OCDE em 1964, que exigiram reformas liberais no comércio internacional japonês.

3.3 SEGUNDA FASE (1973 - 1990)

O crescimento a partir de 1973 foi menos acelerado que o da primeira fase, mas não menos impressionante (vida Figura 4). O fator inicial desse período foi a crise do petróleo que desencadeou inflação em diversos países e estremeceu o câmbio fixo japonês, que passou a ser flutuante em 1973. O governo ainda buscou manter sua desvalorização e comprar dólares, mas essa prática foi abolida com o Plaza Accord em 1985 (decisão conjunta de desvalorização do dólar, assinada pelo Japão).

Figura 4 – Taxa de câmbio Iene/US$ (desde 1950)



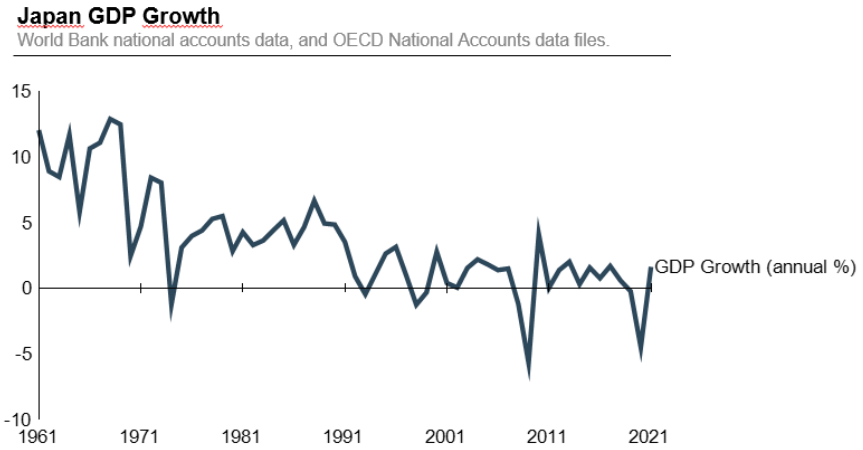
Fonte: Bank of Japan, Time-series Data Search, 2022. Elaboração própria.

A segunda fase também se caracterizou por políticas industriais mais ativas, o parcial abandono do controle fiscal instaurado por Dodge e a construção da bolha econômica que eclodiria no final dos anos 80, causado pelas medidas no Plaza Accord.

3.4 FIM DO CRESCIMENTO

Na década de 1980, a economia japonesa começou a dar sinais de desgaste e retornos marginais decrescentes, e a bolha começou a estourar. Como explorado nos livros “Japan: A Reinterpretation” de Patrick Smith (1997) e “Inside the Kaisha: Demystifying Japanese Business Behavior” de Yoshimura e Anderson (1997), o governo japonês não se provou diferente de outros governos em sua política industrial e cometeu falhas, não conseguindo escolher e fomentar mais “campeões” na iniciativa privada. Após “catch up” economias como a dos EUA, o modelo japonês não conseguiu se adaptar rápido o suficiente e se provou insustentável, como verifica-se na Figura 5.

Figura 5 – Taxa de crescimento do PIB do Japão



Fonte: World Bank national accounts data, and OECD National Accounts data files.

4 FATORES PARA O CRESCIMENTO

4.1 CONTEXTO

Exploraremos a seguir uma série de fatores – econômicos e políticos - que influenciaram positivamente o crescimento japonês. Tal análise nos permite entender quais políticas podem ser adotadas por países em desenvolvimento como o Brasil que buscam acelerar seu crescimento, e quais políticas são benéficas apenas no caso particular ao Japão.

Dentre a literatura sobre o tema (essencialmente tomada por parcerias entre universidades japonesas e americanas), alguns artigos fundamentam os fatores que serão explorados. Os já citados Tsuru (1961), Hamada (1992) e Kosai (1989), são os que – dentre os artigos estudados - fornecem o panorama econômico mais completo desse período, formulando hipóteses que serão sinteticamente apresentadas a seguir.

Em um artigo menos abrangente, Tetsuji (2015) destaca os fatores de catch-up e demografia como os mais importantes, integrando estudos de Gerschenkron (1962) sobre catch-up e Hayashi (2008) sobre demografia. Além disso, Beckley (2018) utiliza cliometria para explorar o papel dos Estados Unidos no milagre econômico japonês.

Dentre os fatores destacados pela literatura, aqui abordaremos os seguintes:

a) Catch-up com países desenvolvidos;
b) Mudanças no capital humano;
c) Desenvolvimento do setor industrial;
d) Relação com os Estados Unidos.

4.2 CATCH-UP COM PAÍSES DESENVOLVIDOS

O primeiro fator acelerador de crescimento, abordado por Tetsuji (2015), é a existência de um gap tecnológico entre um país subdesenvolvido e países em desenvolvimento. A importação de know-how técnico, sistemas e instituições econômicas pode beneficiar países ainda “atrás” tecnologicamente, que apesar do atraso no número absoluto, crescem em níveis mais acelerados que os países geradores daquele conhecimento. Esse conceito de convergência foi desenvolvido por

Alexander Gerschenkron e já é incorporado em modelos de desenvolvimento econômico.

Vale ressaltar que esse efeito não é exclusivo ao Japão pós-guerras, pois sua influência também pode ser notada no desenvolvimento econômico do país na segunda metade do séc. XIX (vide Figura 1, pg. 5). Um exemplo desse efeito no período pós-guerras são as reformas de Joseph Dodge, já abordadas aqui, fortemente espelhadas em instituições americanas.

No Japão, é possível que o efeito do catch-up tenha sido potencializado pelo contato próximo com uma nação desenvolvida (politicamente e educacionalmente, com trânsito de estudantes e pesquisadores em duas vias) e Takada (1999) ressalta a capacidade do país em copiar e criar, absorvendo e combinando rapidamente tecnologias estrangeiras.

Yamamura (1976) também confirma esse fator:

> Entre 1950 e 1962, foram assinados 1.998 contratos de cooperação técnica com firmas estrangeiras, quase dois terços delas americanas. A maioria dos contratos refere-se a projetos em indústrias que cresceram especialmente rápido, notadamente ferro e aço, petroquímica, engenharia química, eletrônica e fabricação de motores. O resultado foi que, no início da década de 1960, a lacuna técnica havia sido praticamente fechada na maioria dos ramos da indústria e as próprias firmas japonesas estavam começando a inventar inovações importantes.
>
> (Allen, pp. 109, tradução minha)

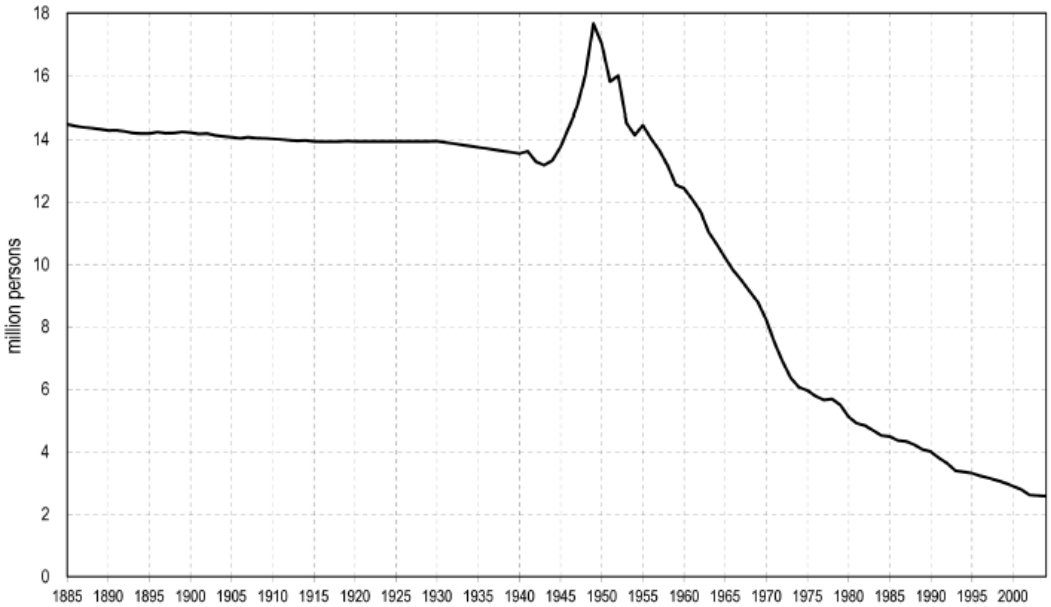
Aprendizado para países em desenvolvimento. O contato com países desenvolvidos, tanto por vias comerciais quanto pela academia, é um fator a ser estimulado quando se busca acelerar o crescimento econômico. Para tal, é necessário abertura comercial, investimento em educação (e a boa gestão das universidades voltadas para esse fim) e uma ação coordenada e diplomática de aprendizado com países desenvolvidos.

4.3 MUDANÇAS NO CAPITAL HUMANO

Apesar do fator de catch-up ser válido para o período pré-guerra, o cenário após 1945 possuía diferenças estruturais. Uma delas era a mudança demográfica. De acordo com Hayashi e Prescott (2008), reformas no pós-guerra permitiram uma maior mobilidade entre o campo e a cidade, causando um êxodo rural (Figura 6), transferindo

capital humano da atividade rural para atividades urbanas de maior produtividade e renda per capita.

Figura 6 – Emprego em agricultura, 1885-2003



Fonte: Hayashi e Prescott (2008)

Tabela 4 – Demografia e emprego, 1940-1975 (em milhares)

	Total population	Employed population	Employed in agriculture	Employed in manufacturing	Employed in wholesale and retailing
1940	71,933	32,482	13,557	6,863	4,097
1947	78,101	33,328	16,622	5,439	2,477
1950	83,200	35,625	16,102	5,689	3,963
1955	89,276	39,621	14,890	6,902	5,472
1960	93,419	43,719	13,127	9,544	6,909
1965	98,275	47,633	10,857	11,507	8,563
1970	103,720	52,110	9,333	13,540	10,059
1975	111,940	53,015	6,699	13,158	11,364

Source: Tōyō keizai shinpōsha, *Shōwa kokusei sōran* (Tokyo: Tōyō keizai shinpōsha, 1980), vol. 1, p. 29.

Fonte: Hamada, 1999.

Os autores formulam a hipótese de que a causa do êxodo foi a remoção de barreiras culturais - o período pós-guerra gerou uma diminuição do poder do chefe da família de restringir decisões de estudo e trabalho de membros da família – em conjunto da criação de programas migratórios.

Tetsuji (2015) propõe uma alternativa para a explicação do fênomemo: o governo durante a guerra instituiu uma série de reformas visando mobilizar recursos físicos e humanos para o esforço de guerra. Uma das vias para tal foi a estatização das agências de emprego e o estreitamento de laços entre as agências capilarizadas pelo país com colégios e faculdades, diminuindo a assimetria de informação e levando a oportunidade de emprego urbano à pequenas comunidades.

Aprendizado para países em desenvolvimento. Nesse caso existem dois cenários: para países em desenvolvimento ainda com uma população predominantemente rural, a coordenação e facilitação do emprego na cidade para moradores em comunidades rurais pode ser um caminho para o aumento da produtividade e renda do país. Para países com população já urbana, como o Brasil, ainda é possível buscar melhorias no sistema que conecta escolas/faculdades ao mercado de trabalho.

4.4 DESENVOLVIMENTO DO SETOR INDUSTRIAL

A industrialização japonesa é possivelmente o fator mais emblemático e, por outro lado, polêmico do milagre econômico. Após a saída da Ocupação americana, o governo japonês adotou uma postura mais intervencionista, mais leniente com monopólios e orientada a exportação. Após reformar parte das leis instauradas pela Ocupação, formou-se no Japão os *keiretsus*, grandes grupos corporativos que conectam bancos, indústrias e comércios, criando players japoneses agressivos e competitivos em mercados internacionais selecionados, utilizando alívios fiscais – o que em alguns momentos esbarrou com a responsabilidade e o rigor fiscal organizados no Plano Dodge.

Nesse contexto, o estudo de Kosai (1989) traz, além do investimento do poder público, o fator da inovação tecnológica industrial e a posterior liberalização do mercado japonês como fatores que fomentaram a indústria japonesa.

A inovação tecnológica na indústria provinha, principalmente, de tecnologias estrangeiras compradas por empresas japonesas (Tabela 5) e os melhoramentos feitos em cima das tecnologias obtidas. Essas inovações diminuíram os custos de produção, ainda mais relevantes em um país com escassez de matérias primas, e aumentaram a competitividade das empresas japonesas.

Tabela 5 – Importações tecnológicas

	Items imported	Price paid (U.S. dollars)
1949–55	1,141	69 million
1956–60	1,773	281 million
1961–65	4,494	684 million
1966–70	7,589	1.536 billion
1971–75	10,789	3.205 billion

Source: Tōyō keizai shinpōsha, *Shōwa kokusei sōran* (Tokyo: Tōyō keizai shinpōsha, 1980), vol. 1, p. 662.

Fonte: Kosai, 1989.

A partir da entrada do Japão na OCDE em 1964 uma série de esforços de liberalização foram feitos pelo governo japonês, reduzindo restrições de importação e investimento internacional. Segundo Kosai, o índice de liberalização saiu de 26% em 1959 para 97% em 1967. Contra-intuitivamente para um país protecionista, a liberalização acelerou o crescimento econômico – em preparação ao choque liberal, setores industriais se consolidaram por fusões e aquisições e os keiretsus investiram em novas plantas e produção eficiente.

Hamada (1999), no entanto, pondera que as reformas implementadas pela Ocupação e a capacidade já cultivada no Japão de catch-up cultural e tecnológico internacional, ajudaram a fortalecer a base microeconômica do Japão e estabelecer um ambiente competitivo, apesar da existência e incentivo fiscal aos *keiretsus*.

Aprendizado para países em desenvolvimento. O câmbio fixo em um patamar desvalorizado e incentivos governamentais a conglomerados empresariais são recomendações heterodoxas que alguns economistas poderiam considerar anacrônicas, dada a atual regulação da OMC e menor leniência internacional ao comportamento protecionista - mas, aparentemente, foram uma política bem-sucedida no desenvolvimento do Japão. Aqui, destaco 3 problemáticas: (i) é necessário levar em conta a estrutura microeconômica e institucional japonesa já desenvolvida, como por exemplo uma população altamente educada, infraestrutura de qualidade e bom ambiente de negócios; (ii) o intervencionismo foi combustível do desenvolvimento mas também da crise no final da década de 80, quando o Japão entrou numa bolha econômica causada por recorrentes expansões creditícias; (iii) veremos no próximo tópico a hipótese de que a parceria com os Estados Unidos foi o catalisador do milagre econômico.

4.5 RELAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS

Apesar da versão “Japão S.A” da história – isto é, o governo e o setor privado do Japão agindo juntos como uma grande corporação - ser comum na literatura e fazer sentido dentro do conjunto de políticas econômicas adotadas pelo governo, Beckley, Horiuchi e Miller (2018) argumentam que o PIB do Japão só cresceu no ritmo observado por conta da sua proximidade com os Estados Unidos e o contexto da Guerra Fria.

A análise parte do racional de que o Japão dependeu de variáveis externas múltiplas vezes: as altas taxas de investimento precisaram de abundância de capital, a aquisição de tecnologia e know-how exigiu parcerias com países desenvolvidos e medidas protecionistas exigiram tanto uma comunidade internacional leniente quanto compradores das exportações (em especial, quando a produção ainda é incipiente e ineficiente). No caso do Japão, os Estados Unidos cumpriram todas essas funções, e fizeram isso conscientemente considerando seus interesses geopolíticos na Guerra Fria.

No entanto, os autores notaram que essa hipótese ainda não havia sido testada por métodos estatísticos modernos, muito por conta da falta de um país suficientemente comparável ao Japão. Superando esse desafio metodológico, os autores fabricaram um Japão “sintético” utilizando dados de outros países com trajetórias semelhantes ao Japão antes de sua relação começar com os EUA.

Os resultados confirmam que as políticas industriais foram necessárias, mas insuficientes para explicar tamanho crescimento. O modelo aponta que sem os Estados Unidos o Japão poderia ter um crescimento sólido, mas não um milagre econômico.

Além de “suportar” o protecionismo japonês e transferir tecnologias, os Estados Unidos também geraram um outro efeito não explorado no artigo de Beckley. Após a 2ª Guerra e com as negociações para o tratado de paz, o Japão abdicou de sua força militar e se tornou dependente da defesa americana. Esse evento permitiu a alocação de recursos financeiros e capital humano para outras áreas da economia. Isso também confirma o apontamento do artigo de Beckley de que o Japão teve, de fato, uma posição geopolítica privilegiada.

Aprendizado para países em desenvolvimento. O estudo de Beckley evidencia que intervir em forças do mercado e forçar, por exemplo, uma orientação econômica para exportações não é garantia de um milagre econômico e que o Japão foi de alguma forma afortunado de condições macro e geopolíticas favoráveis.

5 CONCLUSÃO

No período pós-guerra, o Japão, cuja estrutura econômica e produtiva encontrava-se severamente abalada, se estabilizou e recuperou ao coordenar uma série de reformas com as forças da Ocupação. Dentre elas, a reforma agrária, a reforma trabalhista, a dissolução dos zaibatsus e a estabilização monetária com as regras do Plano Dodge. As medidas tomadas nesse primeiro momento, espelhadas em instituições de países desenvolvidos, fundamentaram parte do crescimento das décadas do milagre econômico.

Em um momento posterior ao Tratado de Paz e de maior autonomia, o governo japonês utilizou tanto de instrumentos ortodoxos quanto heterodoxos para fomentar o crescimento econômico. Em diferentes momentos essas políticas tiveram efeitos ambíguos, do milagre econômico à bolha de 1980. Em parte, isso se deve a influência de outras variáveis, como a parceria EUA-Japão, fundamental para o sucesso de políticas protecionistas japonesas, em especial nos anos 50 e 60. Também é importante levarmos em conta que o Japão já apresentava uma base microeconômica sólida: uma massa trabalhadora alfabetizada e capacitada antes mesmo da 2ª Guerra, equipado com as reformas da Ocupação (trabalhista, rural e dissolução dos zaibatsus), ambiente competitivo e contato direto com um país desenvolvido para conduzir o catch-up. Esse cenário foi catalizador na recuperação e aceleração econômica.

Para países emergentes que queiram se inspirar na trajetória japonesa, cabe a análise rigorosa do contexto geopolítico e das evidências de experiências de outros países que trilharam o crescimento econômico sob outras condições, complementares aos aprendizados vistos aqui.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Tsuru, S. (1961). Growth and Stability of the Postwar Japanese Economy. **The American Economic Review**, 51(2), 400–411. http://www.jstor.org/stable/1914504

Alexander Gerschenkron (1962). Economic Backwardness in Historical Perspective: A Book of Essays. Cambridge, MA: **Belknap Press of Harvard University Press**. (456 pp.)

Allen, George C (1958). Japan`s Economic Recovery. London: **Oxford University Press**.

Yamamura, Kozo (1976). Explorations in Economic Research, Volume 3, number 2. A Retrospect and Prospect on the Postwar Japanese Economy. **NBER**

Takemae, Eiji (1983), **GHO**, Iwanami syoten, (em japonês) [citado por Hamada (1992)]

Kōsai, Y., & Goble, A. (1989). The postwar Japanese economy, 1945–1973. In P. Duus (Ed.), The Cambridge History of Japan (The Cambridge History of Japan, pp. 494-538). Cambridge: **Cambridge University Press**.

Miyazawa, K. (1991). Sengo seiji no shogen. Tokyo: Yomiurishibunsha. [citado por Savage (2002)]

Hamada, Koichi; Kasuya, Munehisa (1992): The Reconstruction and Stabilization of the Postwar Japanese Economy: Possible Lessons for Eastern Europe?, **Center Discussion Paper**, No. 672, Yale University, Economic Growth Center, New Haven, CT

Patrick Smith (1997), Japan: A Reinterpretation, (New York: **Pantheon Books**).

Noboru Yoshimura and Philip Anderson (1997), Inside the Kaisha: Demystifying Japanese Business Behavior, (Boston: **Harvard Business School Press**)

Takada, M. (1999). **Japan's Economic Miracle: Underlying Factors and Strategies for the Growth.**

Savage, J. D. (2002). The Origins of Budgetary Preferences: The Dodge Line and the Balanced Budget Norm in Japan. **Administration & Society**, 34(3), 261–284.

Hayashi, F., & Prescott, E. C. (2008). The Depressing Effect of Agricultural Institutions on the Prewar Japanese Economy. In **Journal of Political Economy** (Vol. 116, Issue 4, pp. 573–632). University of Chicago Press. https://doi.org/10.1086/591804

Crawford, R. J. (2014). Reinterpreting the Japanese Economic Miracle. **Harvard Business Review**. https://hbr.org/1998/01/reinterpreting-the-japanese-economic-miracle

Tetsuji, O. (2015). Lessons from the Japanese Miracle: Building the Foundations for a New Growth Paradigm. **Nippon.com**. https://www.nippon.com/en/in-depth/a04003/

Beckley, M., Horiuchi, Y., & Miller, J. (2018). AMERICA'S ROLE IN THE MAKING OF JAPAN'S ECONOMIC MIRACLE**. Journal of East Asian Studies**, 18(1), 1-21. doi:10.1017/jea.2017.24

Kapur, Nick (2018). Japan at the Crossroads: Conflict and Compromise after Anpo. Cambridge, MA: **Harvard University Press**. ISBN 978-0674984424.